

Lei da Selva, Borboletas e Lobisomens

— *Considerações Analíticas sobre a Obra de Hugo Studart* —

I – Reflexões Iniciais

Raul Sturari^(*)

As esquerdas brasileiras não se incomodaram muito quando o livro “A Lei da Selva” foi lançado, em 2006. Neste ano de 2018, contudo, com a edição de “Borboletas e Lobisomens”, o jornalista Hugo Studart foi alvo de apitaços, gritos de ordem, vaias e acusações de fascismo e propagador de *fake news*, por grande parte dos comunistas, socialistas e aderentes. E também de uma série de resenhas em sites vermelhos que, de uma maneira ou de outra, o acusavam de “deformar o sentido” da Guerrilha do Araguaia e “vulgarizar seus propósitos”¹.

O simples fato de serem achincalhadas pelas esquerdas, todavia, não pode conceder às referidas obras automática simpatia por parte dos militares, a não ser após acurada leitura e pertinentes análises. Daí a proposta desse e de outros breves artigos a serem publicados, cuja elaboração foi informada ao amigo Hugo Studart.

Adianto que, embora algumas considerações possam se mostrar particularmente rigorosas, nossos embates se darão exclusivamente no campo das ideias. Vale dizer que defenderei sempre o seu direito à livre manifestação do pensamento — cláusula pétrea constitucional — mesmo discordando veementemente de alguns segmentos das obras citadas. Além disso, em oposição à grande parte das esquerdas, busco alinhamento à famosa frase atribuída a Eleanor Roosevelt: “grandes mentes discutem ideias; mentes medianas discutem eventos; mentes pequenas discutem pessoas”².

Inicialmente, é mister reconhecer o extenso trabalho de pesquisa que embasa os citados livros. Foram anos de pesquisa, reunião de documentos, entrevistas, viagens, reconhecimentos etc. As publicações são frutos de um mestrado e de um doutorado, ambos sobre o mesmo tema. Obra de uma vida.

De modo geral, parece que “A Lei da Selva” estaria direcionada à versão dos militares e “Borboletas e Lobisomens” focada nos guerrilheiros. Mas a indisfarçável paixão do autor pelos terroristas salta aos olhos a todo momento.

Interessante como Studart se refere — especialmente no livro A Lei da Selva — ao que chama de “imaginário” dos militares. Para tanto, constrói tortuoso e confuso caminho intelectual — sempre citando seus prediletos autores comunistas, como o trotskista Cornelius Castoriadis — que leva a frágil conceituação, mudando o sentido lógico da palavra para algo semelhante a um “resultado de uma força criadora radical”.

De todo modo, ao citar insistentemente “imaginário”, induz o leitor quase sempre a uma dupla interpretação, considerando que muitas versões apresentadas ao autor pelos militares entrevistados são somente fruto da criatividade e, por isso, não correspondem à realidade histórica.

Seria demais pedir ao jornalista que se comportasse como um clássico historiador e buscasse uma posição mais imparcial dos fatos. Como adepto da vertente comunista conhecida como Escola de Frankfurt — de onde extrai ensinamentos de ideólogos como

¹ Ver, por exemplo, <http://www.vermelho.org.br/noticia/313477-1>. Consulta em 12/2018.

² Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTY4NzE4Mw/>. Consulta em 12/2018.

Walter Benjamin — Hugo insiste em “dar voz aos pequenos” e interpretar supostos fatos à sua maneira, mas com uma diferença fundamental em relação a outros estudiosos.

Esse foco nos comunistas perdedores não é elaborado para reinterpretar o contexto segundo os vários ângulos da História (político, econômico, social, tecnológico, militar etc.) mas sim como um fim em si mesmo. Vale dizer que Studart fica restrito ao ambiente da Guerrilha no Araguaia. Mesmo o contexto das forças governamentais na área é descrito de maneira precária. A conjuntura nacional da época, o cenário latino-americano e o panorama mundial — marcados pela fase mais aguda da Guerra Fria — são praticamente ignorados. Assim, o leitor que desconhece essa quadra da História jamais conseguirá entender o porquê de diversos episódios.

Mas o autor vai fundo na investigação sobre as pessoas, sempre com total paixão pelos guerrilheiros maoístas. Por vezes contando passagens íntimas, como, por exemplo, no capítulo inteiramente dedicado ao “Amor e Sexo em Tempos de Guerra”; outras vezes descrevendo “atos heroicos” oriundos de sua própria imaginação; e outras, ainda, para envolver seus ídolos em uma aura benigna, como “um punhado de jovens idealistas, que queriam um país mais justo e igualitário”. Além disso, suas narrativas sobre supostas execuções, torturas e mortes são particularmente escabrosas, demonstrando o que poderiam ser considerados como indícios de uma certa tendência ao sadomasoquismo.

Assim, é preciso avaliar essas obras sob o prisma adequado de sua dimensão histórica. Com todo o respeito por todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram dos acontecimentos, essa ótica quase totalmente voltada para as pessoas confere aos livros ares que ora se parecem com a “Revista Caras” da Guerrilha, ora se assemelham às assustadoras passagens do “Massacre da Serra Elétrica”, combinados com “Contos do Zé do Caixão”.

Trataremos disso e de algumas fragilidades historiográficas nos próximos artigos.

Dezembro de 2018.

() Raul Sturari é Coronel da Reserva do Exército Brasileiro; bacharel em Ciências Militares; graduado em Administração; pós-graduado em Educação; doutor em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; e doutor em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval.*